

## CAROLINA MICHAËLIS E TRINDADE COELHO

### *O encontro de dois humanistas-poetas*

“Humanismo” e “visão poética” serão, a meu ver, as razões mais basilares da viva estima mútua que uniu a grande filóloga e o grande contista de *Os Meus Amores*, dez anos mais novo (1861-1908): daí o subtítulo deste trabalho, que tentará dilucidar quanto essa relação de apreço é relevante para o conhecimento das duas personalidades e da hora portuguesa que a envolve.

Foi na década de 1890, tão problemática na nossa história, que se situou, factualmente, o encontro de Carolina Michaëlis e Trindade Coelho. Recordo que é de 1891 a edição original da colectânea de contos *Os Meus Amores*, depois alargada até à forma que correntemente lhe conhecemos, a da terceira edição, considerada “definitiva”, feita em 1901, em Paris. Carolina Michaëlis, já entretanto autora de obra tão monumental como a edição crítica das *Poesias* de Sá de Miranda (1885) – que Antero saudou como excelente manifestação da grande erudição alemã, “minuciosa e entusiasta, indagadora e poética”<sup>1</sup> –, fora imediatamente seduzida pelos contos de Trindade Coelho, como testemunha expressivamente a carta que do Porto dirigiu ao escritor, em 20 de Dezembro de 1894<sup>2</sup>, agradecendo-lhe a oferta da segunda edição da colectânea, saída nesse ano (e também feita em Paris). “Escuso dizer-lhe” – escreve – “que já conhecia a sua obra, na primeira edição, e que os seus belos contos rústicos já faziam parte da selecção de obras em prosa e verso que eu chamo: ‘Os meus amores’”. Explicitando depois a admiração logo sentida, afirma a lusófila: “Todos gabam o aroma e o *gout du terroir* que os

---

<sup>1</sup>Apud Maria Manuela Gouveia Delille, “Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) - Uma alemã, mulher e erudita, em Portugal”, sep. de *Biblos*, vol. LXI (1985), Coimbra, Faculdade de Letras, p. 12.

<sup>2</sup>Apud Feliciano Ramos, *Trindade Coelho. Homem de Letras*, Coimbra, ‘Acta Universitatis Conimbrigensis’, 1947, pp. 293-295.

escritos de V. Ex<sup>a</sup> têm, e a genuinidade da sua linguagem, a vivacidade dos diálogos e o realismo *amável* das figuras que apresenta, e admiram o efusivo da sua alma juvenil e felizmente optimista, contentes por travarem relações com um patriota que sabe ver e gosta de *mostrar* o lado são e poético da alma portuguesa”. E anuncia-lhe que, de tanto ter gostado “das cenas da vida trasmontana” delineadas por Trindade Coelho, prometera incluir “uma ou duas num volume de ‘Contos Escolhidos Portugueses’” que lhe haviam sido “pedidos para uma Biblioteca de traduções”<sup>3</sup>, solicitando complementarmente ao escritor uma lista dos “modernos contistas portugueses” que merecessem atenção e dos contos que a “opinião pública” considerasse “obra-mestra de cada um”, com a indicação de quais preferia o autor de *Os Meus Amores*. De assinalar é ainda que, na mesma carta, pedia Carolina Michaëlis a Trindade Coelho notícias da *Revista Nova*, de que queria ser assinante, pois tinha gostado muito dos seus primeiros cinco números, os que conhecia. Tratava-se da revista que Trindade Coelho e Alfredo da Cunha tinham fundado em 1893, assinando ambos o importante artigo de abertura (nº 1, Novembro de 1893)<sup>4</sup> que apresentava o programa da publicação: “reagir virilmente”, nos “domínios literários e artísticos” a que a revista se circunscrevia, “contra a onda triunfante de estrangeirismo”, convocando para a contemporaneidade quanto no passado havia de “de bom e de salutar”, e principalmente quanto podia “afirmar a nossa individualidade, apagada e diluída em mil imitações incongruentes, em mil exotismos ridículos”; com tudo isso, desejar “portuguesa” a linguagem praticada e sobretudo “portugueses” o “pensar” e o “sentir” expressos. Sobre alguns dos meios que poriam ao serviço de tal projecto, diziam ainda os fundadores da *Revista Nova* :

“Sem desprezarmos a alta literatura, exploraremos a literatura popular, desde os diferentes cancioneros lírico, religioso e político, até aos calões de diversas espécies, as adivinhas e os contos infantis, os autos e as loas, todas essas mínimas coisas de que até hoje raro têm curado os pretores das nossas letras.

<sup>3</sup> Duas lusófilas alcãs, amigas de Carolina Michaëlis e de Trindade Coelho, Luísa Ey e Maria Abeking, divulgaram em alemão os contos de Trindade Coelho, cujo perfil Luísa Ey traçou nos artigos “Aus Fremden Zungen”, de 1908, baseados em elementos colhidos na *Autobiografia* do escritor, delincada, para esse efeito, a instâncias de Carolina Michaëlis; traduzidos livremente pela romanista, esses artigos foram publicados nos números 15377 e 15379-80 de *Diário de Notícias*, também em 1908. Cf. “Prefácio” de C. Michaëlis a *Auto-Biographia e Cartas* de Trindade Coelho, A Editora, Lisboa/Rio de Janeiro/S. Paulo/Belo Horizonte, 1910, pp. XI-XIII; Maria de Fátima V. F. Brauer, “Luísa Ey e as suas relações com Portugal”, in *Runa. Revista de Estudos Germanísticos*, nº 3, 1985, pp. 94-96.

<sup>4</sup> Esse artigo inaugural está integrado na colectânea de textos de Trindade Coelho intitulada *O Senhor Sete. Dispersos folclóricos e de doutrina literária* (recolha, apresentação e notas de Augusto da Costa Dias), Lisboa, Portugalíia Editora, 1961, pp. 265-274.

Os costumes peculiares de certas terras ou de certas classes, as excentricidades, as predilecções, os glossários especiais, as formas gramaticais ou sintácticas exclusivas de determinados autores ou de determinadas localidades, constituirão por conseguinte uma parte importante do nosso plano, que se completará com a bibliografia ou crítica das publicações que aparecerem, com a notícia das questões literárias ou artísticas ocorrentes, reabilitando do esquecimento os autores e os escritos merecedores de exumação, e abrindo caminho, estimulando e chamando à luta os escritores incipientes.”

Com estas afirmações congraçavam-se, nesse mesmo texto de abertura, a apologia estética da “simplicidade”, do “desartifício”, o protesto contra a “atmosfera de desânimo e de desconforto” que se respirava no País e um vivo apelo aos “novos ainda puros de mácula”, pedindo-lhes, em prol da revivificação pátria, devoção por tudo o que tivesse “um sabor nacional, por tudo o que, na essência ou na forma”, trouxesse “impressa, sem contrafacção, a marca portuguesa”.

Os elementos até aqui aduzidos delineiam o núcleo de afinidades de que germinou o mútuo apreço que uniu Carolina Michaëlis e Trindade Coelho no contexto do neoromantismo finissecular; outros, que passarei a evocar, mostram, porém, como essa estima aí se reveste de contornos próprios. No interesse de Carolina Michaëlis pela nossa língua e pela nossa cultura reuniam-se às razões da ciência, enquanto filóloga romanista e etnóloga cedo solicitada pelo espaço ibérico, particularmente o lusitano, essoutras, mais entranhadas, da afectividade, que era nela viva, e – sublinho – da estesia, informada por um recto e enérgico espírito amante da claridade, estesia que a levava a apreciar a alacridade e a autenticidade simples, fosse em registo elevado ou popular, sério ou chistoso. Permito-me, a propósito, pôr em relevo, na extensa galeria dos seus venerandos trabalhos, um livro que julgo particularmente revelador da confluência dessas qualidades e disposições, *Algumas Palavras a respeito de Púcaros de Portugal*, publicado em 1905 (reeditado com pequenas alterações em 22 e republicado ainda em 57), onde a acribia histórico-filológica serve o amor às coisas da nossa terra e a erudição perde a rigidez com o humor gracioso das evocações e dos comentários. Como não havia “Santa Carolina” – assim vieram alguns a chamar à grande lusófila<sup>5</sup> – de se encantar com a vivacidade lírica e ao mesmo tempo realista (o realismo “amável”, como ela diz) de Trindade Coelho, tão português na sua linguagem e na linguagem das suas personagens, nos cenários rurais, nas fainas e nos sentimentos que evoca, no olhar enternecido em que envolve as emoções, alegrias ou tristezas em que homens e bichos se debatem! Dos textos que citei também ressalta quanto partilhavam a filóloga e o contista do apreço pela salubridade moral,

---

<sup>5</sup>Apud Maria Manucla Gouveia Delille, op. cit., p. 30.

onde colocavam como componente importante a positividade nacionalista: Carolina Michêlis sublinhava, como vimos, a “alma juvenil e felizmente optimista” de Trindade Coelho, definindo-o como “um patriota que sabe ver e gosta de *mostrar* o lado são e poético da alma portuguesa”, palavras cuja justeza roboram as considerações, que evoquei, pertencentes ao texto de abertura da *Revista Nova*. Digamos, entre parêntesis, que a ambos desagradavam, em suma, no contexto português coevo, quer as excentricidades nefelibatas, reveladoras de um estrangeirado ódio ao “profano vulgo”, quer o decadentismo doentamente sombrio e inerme, incentivado pelos desenganos *fin de siècle* e pelas misérias que atingiam Portugal (recordo só que é de 1890 o Ultimatum inglês), quer certo tradicionalismo “neogarrettista” que, inquinando a lição do grande compilador do *Romanceiro*, demasiado se fechava por vezes num culto do passado e do genuíno por desafeição ao presente e recusa do prosaísmo filisteu; mas que tanto Carolina Michaëlis como Trindade Coelho souberam reconhecer a qualidade poética de alguns dos novos escritores, como Eugénio de Castro ou António Nobre, documenta-o, por exemplo, este passo de uma carta do contista, em 1892, ao poeta do *Só* :

“A poesia novíssima perdeu no seu livro muito desse exotismo por vezes quase idiota que a ia tendo em cheque; e ficou demonstrado com o *Só* que uma nova estética pode, efectivamente, animar e dirigir em caminho de um justo ideal o engenho e o gosto dos poetas - quando servida, como acontece no seu livro, por um grande cérebro capaz de conceber ideias puras, e por um coração ainda maior, capaz de se abrir, como uma grande flor de luz, às emoções mais delicadas do sentimento...”<sup>6</sup>

Fechado o parêntesis, lembro que, em cumprimento do programa traçado para a *Revista Nova*, Trindade Coelho aí deu a lume, em 1893, um “Cancioneiro Trasmontano”, prosseguindo na tarefa a que já se entregava – e a que continuará complacentemente a entregar-se – de compilar manifestações da cultura do povo, poesia, contos, rifões, termos e expressões pitorescos, adivinhas, costumes. A documentá-lo estão, por exemplo, o projecto, realizado em parte, do volume *O Senhor Sete*, constituído por matéria folclórica trasmontana em que entra o sortilégio algarismo “sete”, ou os contos, recolhidos da tradição oral mas retocados, que publicou em 1899 na revista *A Tribuna*, e integrou depois na edição definitiva de *Os Meus Amores*, com o título de “Amorinhos”. E terá sido a arte manifestada por Trindade Coelho, quer nos contos da sua lavra, quer nesses baseados no filão folclórico, para “nobilitar sem falsificações” a “linguagem rude e deteriorada do povo”, captando “a quintessência”, o “espírito” da sua “simpleza”, que levou

<sup>6</sup>Apud Feliciano Ramos, op. cit., p. 308.

Carolina Michaëlis a ver no escritor quem idoneamente poderia executar uma tarefa que lhe era particularmente cara, a adaptação portuguesa dos contos de Grimm, que Trindade Coelho efectivamente iniciou mas não chegou a completar, por “desdita”, porque era uma “nacionalização perfeita”. Tenho vindo a citar palavras da filóloga no “Prefácio” que, em Dezembro de 1909, escreveu para o volume póstumo que contém a *Autobiografia* e uma selecção de *Cartas* de Trindade Coelho<sup>7</sup>, cuja vida cessa prematuramente, como todos sabem, em 9 de Agosto de 1908, por suicídio radicado em nefastas circunstâncias pessoais, ligadas à política, que avolumaram o pendor depressivo que já nele existia, apesar da sua exuberância alegre e da sua enorme capacidade de trabalho.

Esse “Prefácio”, esclarecendo naturalmente as razões da “extraordinária admiração e simpatia”<sup>8</sup> de Carolina Michaëlis por Trindade Coelho, deixa também em relevo traços muito definidores da fisionomia humana e intelectual de quem o subscreve. Em conformidade com tudo quanto até aqui recordei, a romanista exalta os méritos do prosador, que apresenta como um “grande poeta”, já que as Musas não atendem, diz ela, às tradicionais distinções entre poesia e prosa, baseadas nos “requisitos exteriores do verso”. “Prosa como a de *Os Meus Amores*, os “Amorinhos”, prosa como a das *Cartas* “ – afirma –, “graciosa, rápida, vibrante de emoção, prosa tão impregnada do sabor legítimo e do perfume da terra pátria, não deixa de ser poesia, conquanto os seus períodos não sejam medidos, alinhados, cadenciados ritmicamente”. E sublinha que foi “auscultando a psique nacional, e aprendendo a pensar, a sentir, a falar como as crianças e o povo”, que Trindade Coelho, saído desse povo, conseguiu agarrar o “sangue rubro da vida” na sua prosa “irregular e revoltada na sua vivacidade” contra os grilhões da ortodoxia gramatical estreita. Daí – continua a filóloga/artista –, o seu estilo “claro, simples, natural, desempenado, igualmente afastado de voos hiperbólicos e cultismos enigmáticos como de realismos exagerados”, mesmo em textos jurídicos e ensaísticos<sup>9</sup>.

O espaço mais extenso do prefácio é ocupado, porém, pela evocação do homem, do cidadão e do pedagogo que confluíram em Trindade Coelho. “Santa Carolina” louva “o pai e o marido, solícito em legar ao filho e à esposa só glórias puras”, o amigo “sempre pronto a confortar, agradecer, felicitar, tomar parte nas dores e nas alegrias dos outros”, o “censor consciencioso”, “severo” com as suas

---

<sup>7</sup> “Prefácio”, pp. XI, XVII, XVIII. O volume *Auto-Biographia e Cartas* foi organizado pelo filho (Henrique) de T. Coelho.

<sup>8</sup> “Prefácio”, p. XI.

<sup>9</sup> “Prefácio”, p. XVII.

próprias criações”, mas cuidadoso e delicado na análise das alheias, ora elogiando ora aconselhando; exalta também “o trabalhador de energia e assiduidade assombrosas” (recordo que Trindade Coelho, formado em Direito nessa Coimbra que evocou em *In Illo Tempore*, exerceu funções jurídicas, como magistrado do Ministério Público); e, a propósito, não deixa de dirigir, como boa alemã habituada ao esforço ritmado, remoques à indolência lusa, que seriamente a enervava: Trindade Coelho, diz ela, era, sob esse aspecto, “verdadeira exceção no “Eldorado” português, onde o não-trabalhar, o odioso e pernicioso “far-niente”, é a ambição e a delícia de tantos talentosos de ambos os sexos”. O panegírico continua, louvando no magistrado o “homem de bem às direitas”, “insubmisso no seu procedimento”, “português à antiga, de ‘antes quebrar que torcer’”, “da têmpera de Sá de Miranda”, um “optimista persuadido da perfectibilidade da natura humana”, que se não limitava a “suspirar”, mas trabalhava, trabalhava com afínco e lucidez “pela vinda do reino da Justiça e da Bondade”<sup>10</sup>.

Nesse abnegado trabalho, um vector solicita com mais demora a atenção de “Santa Carolina”, mulher, cientista e professora de honesto coração democrático, chocado com a ignorância tão generalizada da população portuguesa: o empenho de Trindade Coelho no incremento da instrução popular - o escritor, em carta à filóloga de 1 de Março de 1902, refere-se ao seu “doce pesadelo de ensinar a ler”<sup>11</sup> -, base, por ambos considerada urgente, do aumento nas classes humildes de consciência cidadã e de capacidade para crescimento em competência e em autonomia (lembro entre parêntesis que Trindade Coelho acusava as esferas políticas dominantes, nesses anos terminais da Monarquia, de só aparentemente defenderem, por decoro, a causa da educação básica, no receio efectivo que do alargamento da instrução resultassem o espírito crítico e a independência reivindicadora<sup>12</sup>).

Era já antigo em D. Carolina o apego a esta causa: mal instalada em Portugal com o matrimónio, dele são expressivo testemunho, desde 1877, os artigos que publicou, na revista *O Ensino - Jornal do Colégio Portuense*, sobre “A Cartilha portuguesa e em especial a do Sr. João de Deus”, reeditados em 1976 pela *Revista Portuguesa de Pedagogia* da Universidade coimbrã, em comemoração do centenário da fundadora *Cartilha Maternal* e do livro de *Primeiras Leituras* que

<sup>10</sup> “Prefácio”, pp. XVI, XVII, XVIII, XIX.

<sup>11</sup> *Auto-Biographia e Cartas*, p. 194.

<sup>12</sup> Muito esclarecedora da descrença de Trindade Coelho sobre “a vontade dos governos de que o povo aprenda” é, por ex., a carta dirigida a Luísa Ey (donde foi extraída a frase citada), de 9 de Maio de 1902 (ibid., pp. 71-72).

a acompanhava. Ai pôs em relevo, com a ajuda do seu saber filológico, as vantagens do método de João de Deus para o ensino da leitura, reprovando, porém, com energia, os textos que o poeta de *Campo de Flores* seleccionara para desenvolvimento da inteligência, sensibilidade e conhecimentos básicos infantis, e que ela julgava absolutamente inadequados para tal propósito, por vagos, abstractos, retóricos, desligados do mundo real e do imaginário das crianças. Foi, aliás, a ocasião de Carolina Michaëlis exaltar os méritos da escola alemã (muito devedora às ideias pedagógicas de Friedrich Froebel<sup>13</sup>) no ensino das primeiras letras e na organização das antologias de iniciação na leitura, sublinhando o lugar altamente rendoso que ali tinham, como estímulo da imaginação, enriquecimento linguístico e cognitivo e fonte de uma liminar mas ancestral *sagesse*, os tesouros da tradição, versos, cantilenas, contos, fábulas, pequenos trechos de prosa que remetiam para assuntos e coisas familiares do universo infantil. Cito:

“A Cartilha alemã compõe-se de pequenas coplas, fábulas, contos, tudo em rima e disposto de dois modos: ora em estrofe, ora em linha continuada como se fosse prosa, deixando-se à criança o trabalho de procurar a rima e de acertar o ritmo. O sentido do verso e a sua extensão são calculados de modo que a pequena poesia se fixe rapidamente na memória. De envolta com os versos, acham-se pequenos trechos de prosa, tratando de assuntos tirados do domínio da observação infantil, mas com uma aplicação menos próxima: - o livro; os olhos; as pombas; os peixes; o relógio; o galo; a manhã; o ovo; a primavera; a casa; o curral; os meses; o quintal; a rosa; o lobo; a aranha; a vila; a roca; a cidade; eis alguns temas tirados das referidas Cartilhas.

A moral deve estar no assunto e não figurar como sentença de grosso calibre no fim ou no princípio. Os pequenos versos ganham tão funda raiz na memória que o pai e a mãe, o avô ou a avó ainda os sabem repetir e cantar a seus filhos e netos. A perpetuidade, por assim dizer, desses versos é indício seguro do seu valor. O triunfo para estes livros dura 10, 20 e 50 anos, não sendo raro encontrar alguns de 50 a 100 edições (...)

Se o sr. João de Deus nos quisesse dar em breve um novo *Livro de Leituras* e, junto ao mesmo volume, uma Cartilha que viesse substituir a edição, em breve esgotada, dos seus livrinhos anteriores; se nos quisesse dar uma nova obra, segundo o seu método, mas com assuntos de leitura novos, segundo a Cartilha alemã, teria não só o nosso aplauso, que significa pouco, mas uma verdadeira ovação do mundo infantil. Tudo quanto descje – apresentação dos melhores modelos, explicação verbal ou escrita, tradução parcial ou total fidelíssima, lhe será de antemão garantido.

(...) Ao público português, que deseja melhores livros, melhor método, melhores resultados, mas que não accitaria, sem algum reccio, uma inovação que rompe com todas as tradições viciosas da sua antiga educação popular, ao público pode servir de garantia o facto de haverem as Cartilhas alemãs sido traduzidas ou antes imitadas livremente por penas hábeis e espiritos de *élite* em várias línguas, tendo até em França

<sup>13</sup> Carolina Michaëlis conhecia bem essas ideias: fornecera a Adolfo Coelho, em 1875-76, indicações relativas a material e exercícios froebelianos; e deu o seu apoio, mais tarde, como membro da “Sociedade de Instrução do Porto”, à tentativa de criação de um jardim de infância na cidade, segundo o modelo de Froebel (apud Maria Manuela Gouveia Delille, op. cit., p. 17).

um êxito lisonjeiro; e, contudo, a língua francesa é talvez a menos própria para nela se traduzir o tom simples e cordial, o acento ingénuo, íntimo, o espírito meigo dessas bagatelas poéticas.”<sup>14</sup>

Como não havia Carolina Michaëlis de apreciar, pois, a aplicação de Trindade Coelho (grande admirador, como ela, de João de Deus, e concededor das observações feitas pela filóloga às obras do poeta para alfabetização das crianças) à confecção de uma nova Cartilha – o “poético” (como ela diz<sup>15</sup>) *A B C do Povo*, surgido em 1901 –, a que se seguiram três *Livros de Leituras*, publicados entre 1903 e 1905, e, em 1904, uma colectânea de *Leituras Elementares e Enciclopédicas para Uso do Povo*, com o título sugestivo de *Pão Nosso*<sup>16</sup>? Da satisfação da romanista com o aparecimento do *A B C* e do enorme contentamento que a Trindade Coelho deu a calorosa aprovação dela recebida dá testemunho efusivo a carta que o escritor enviou a Carolina Michaëlis, em 2 de Maio de 1901:

“Beije a carta de V. Ex”, quer acreditar? E suspendo a leitura do resto do meu correio para lhe agradecer, enternecido, as suas boas e carinhosas palavras! Elas me bastariam para a recompensa, elas bastam e sobejam para me animar. Muito e muito e muito obrigado!

Ah, o meu *A B C*! Não imagina como eu o amo e como estou encantado! Fiz aquilo na quarta-feira de trevas, à noite, num serão, e sem o pensar! Quando me sentei à mesa, às nove horas, eu nem pensava no *A B C*! Mas veio-me ao coração esse vago desejo do meu coração, – e comecei, quase sem querer, e sem saber o que ia fazer... Mas não tardou que eu visse o edifício, e quando deu meia-noite, o plano estava todo esboçado diante de mim!

Depois, levei três semanas a explorá-lo, a afiná-lo, a *poetizá-lo*, – a palavra é esta! E que lindas coisas simples, claras, intuitivas, eu descobria a cada hora! – Eu descobria, não! Eu não descobria nada! Que lindas coisas se me revelavam! Posso dizer--lhe que não fui eu que fiz esse pequenino sistema. Foi ele que se fez. Surgiu ele! Edificou-se ele. O *ponto de partida* é tão simples, tão mezinho, está tanto *ao pé do nariz*, deixe-me dizer assim e perdoe-me, que é de espantar como o não tenham visto! É o meu “ovo de Colombo”, esse pequenino sistema, – e lembro-me agora do que o João de Deus me dizia quando

<sup>14</sup> “A Cartilha Portuguesa e em especial a do Snr. João de Deus”, sep. da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano X, Coimbra, Faculdade de Letras, 1976, pp. 70-71.

<sup>15</sup> Pref. a *Auto-Biographia e Cartas*, p. XX.

<sup>16</sup> Essa enciclopédia popular de 1904, que compendiava os conteúdos exigidos pelo ensino primário, atinge 511 páginas. Ao serviço da instrução e educação populares, Trindade Coelho escreveu ainda *Folhetos para o Povo*, que teve distribuição anónima e gratuita, e *As Primeiras Noções de Educação Cívica*, um livrinho (72 pp.) que veio a ser aprovado oficialmente para as escolas primárias. O *Manual Político do Cidadão Português*, cuja 1ª ed. é de 1906 (acompanhada por uma “Advertência” de Alberto de Oliveira), cumpriu também um objectivo de “propaganda de educação cívica e democrática”. Postumamente, veio a lume *O meu Livrinho. Lições para Crianças* (2ª ed., Lisboa, Portugália Ed., 1968), colectânea de textos sobre assuntos do foro religioso, moral e cívico, que T. Coelho deu por concluída em 2 de Fev. de 1898.

discutia com ele o seu método: – “... dentro de você está um método, talvez mais simples do que o meu... Ponha-o cá fora!” E eu dizia-lhe que não sabia nada de Pedagogia; que nunca lera nada de Pedagogia, – e tornava o João de Deus: – “Nem leia! O método tem-no você no coração!” E creio bem que foi do coração que ele saiu, porque eu nunca *pensei* nele, – e talvez que se pensasse o não fizesse... Não fazia, não! Não o fazia decerto!”<sup>17</sup>

O *A B C do Povo* – enriquecido por gravuras, engraçadas e instrutivas, de Bordalo Pinheiro, que procuravam ilustrar aspectos da vida comum (instrumentos do ferreiro e do carpinteiro, caminhos de ferro) ou da história portuguesa (a espada de D. Afonso Henriques, caravelas do século XVI) – foi “recebido com entusiasmo por centenas de pais e centenas de professores, e por crianças que aclamaram o autor em manifestações neternecedoras”, mas não deixou de “ser guerreado por profissionais do ensino e industriais do livro”: afirma-o Carolina Michaëlis no prefácio de *Autobiografia e Cartas*<sup>18</sup>, lembrando com visível revolta como tinham magoado o escritor algumas das críticas recebidas. Não pôde ele compreender, diz a romanista (acrescentando que também ela o não compreendia),

“que na santa e humanitária cruzada contra a ignorância não fossem, por todos, acolhidos com júbilo esforços sinceros como os dele, tendentes a tornar suave e ameno o caminho do saber. Que nem todos reconhecessem o seu desinteresse completo, a habilidade com que *puxava* o gosto das crianças, atraindo-as pelo extremo cuidado com que escolhera, exclusivamente, vocábulos familiares, combinando desde o princípio não só os sons em vocábulos que significam coisas, mas também os vocábulos em pequeninas frases, expressivas de ideias cativantes.”<sup>19</sup>

O que mais ferira, porém, Trindade Coelho fora – continua Carolina Michaëlis – “a suspeita que ele, o jurista e democrata, pudesse visar a um monopólio vergonhoso, em detrimento da liberdade na escolha do método, garantida aos professores de instrução primária” e, acima de tudo, a acusação de ter feito com má fé “plágios descarados” da *Cartilha* de João de Deus<sup>20</sup> – esse João de Deus que ele venerava e a quem tantos estímulos devera para levar avante a concretização do seu sistema de aprendizagem da leitura. Críticas e sugestões positivas, essas não tinham magoado o escritor, desejoso de corrigir o que efectivamente carecesse de emenda; e provam-no as várias cartas dirigidas a Carolina Michaëlis com a exposição das linhas mestras do seu método (por ele próprio experimentado, ensinando a ler uma rapariga do campo) e um pedido de parecer franco, “sem

---

<sup>17</sup> *Auto-Biographia e Cartas*, pp. 173-174.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. XX.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. XXI.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. XXI.

contemplações nem rodeios”<sup>21</sup>. Não conheço (existirão?) as respostas da filóloga; mas que terá sido vivo o seu diálogo com Trindade Coelho sobre o *A B C* infere-se do que Carolina Michaëlis afirma no prefácio de *Autobiografia e Cartas*, quando lembra as “longas discussões e experiências práticas” (pois também “Santa Carolina” se dera ao ensino efectivo das primeiras letras) havidas entre ambos sobre o assunto <sup>22</sup>.

O mesmo “Prefácio” nos comunica a admiração da romanista pelos *Livros de Leitura* – “baratíssimos” – concebidos pelo escritor para o ensino popular, segundo propósitos (de inspiração bastante froebeliana) que ele deixa bem esclarecidos em carta a Luísa Ey de 17 de Novembro de 1902:

“O que sairão esses livros? Não sei. E não sei, porque o *meu amor* é que os há-de ir inventando e fazendo, - pois é difícil, se não impossível, preconceber um plano. Têm de ser livros de *educação* e de *instrução*, mas arrançados de modo que deleitem. Eis o que eu sei: não sei mais nada. E que têm de ser *livros objectivos*, de noções reais e simples, - coisas, coisas, coisas! Para a parte educativa e recreativa servem também as *Fábulas* - essas fábula que tanto têm agradado(...). Recorrerei também ao conto popular infantil, - e a tudo quanto cheirar a alma poética do povo: ditados, rifões, versos, jogos infantis, etc. O que neste género vejo feito lá fora, não me satisfaz. Acho tudo *descosido, avulso, sem método, sem princípio, nem meio, nem fim*. Coisas coligidas ao acaso, e nada mais; - e eu desejo fazer mais alguma coisa: um *corpo útil de doutrinas*, um livro que ensine e eduque com certa largueza. (...) O grande, o enorme defeito da nossa educação, tem consistido em andarmos afastadíssimos da Natureza! Tudo tem sido falso, conveniente, posição e católico-apostólico-romano, - mas pouco cristão e pouco natural! É preciso chamar o espírito da criança para a *verdade natural* e para a admiração de *trabalhos humanos*.”<sup>23</sup>

Carolina Michaëlis julga um êxito o esforço de Trindade Coelho, considerando que os seus *Livros de Leitura* constituíam “um corpo inteiro, orgânico, de lições de coisas, factos, fenómenos naturais”, bem encadeados, simples, bem ilustrados,

---

<sup>21</sup> Ibid., carta de 30-X-1901, p. 176. São sete as cartas dirigidas a Carolina Michaëlis - todas relacionadas com a questão da iniciação na leitura - que são reproduzidas no volume prefaciado pela romanista.

<sup>22</sup> Ibid., p. XXI.

<sup>23</sup> Ibid., p. 83-84. Os itálicos pertencem a T. Coelho. Na *Revista Nova*, o escritor criticou severamente alguns livros adoptados no nosso ensino de então (cf. Feliciano Ramos, op. cit., p. 157).

bem entremeados de “fábulas morais” e “adágios”, de forma a conseguirem educar deleitando; e por isso os julga “infinitamente superiores a todos quantos livros de leitura existiam”, que reconhecia, como o escritor, serem construídos com “trechos desconexos, nem sempre bem graduados, recortados de obras literárias, e que, na maioria dos casos, não foram escritos para a infância”. E observa: “Fiz experiências repetidas, com os antigos livros de leitura e com os de Trindade Coelho, sempre com o mesmo resultado, favorável a estes. E em Hamburgo, na Escola Comercial (do Estado) e na Academia Colonial (institutos superiores frequentados por uma mocidade culta) eles despertam o mais vivo interesse, porque proporcionam em forma atraente, idiomática, um conjunto de noções elementares a respeito de coisas universais e a respeito de coisas portuguesas”<sup>24</sup>. Por tudo isto se compreende a indignação da filóloga com a recepção “oficial” que tinham obtido entre nós esses volumes:

“Pois bem, a esses *Livros de Leitura* foi vedada a princípio (1903) a entrada nas escolas portuguesas, pela Santa Mesa... perdão! - pelos Sete Sábios da Comissão técnica permanente, encarregada do exame de livros destinados ao ensino primário! Reprovaram-nos por não se cingirem literalmente, em tudo, às condições de um Regulamento mal redigido, isto é por não conterem versos nem trechos de autores alheios, nem apresentarem exemplos de todas as espécies de *tipos* de imprensa. Posteriormente essa sentença teve revisão... quanto ao *Primeiro Livro* e ao *Terceiro Livro*. Mas o golpe imprevisto causara vivo e desesperado desgosto ao autor, como se vê na eloquente *Exposição* que, em nome dos Editores, dirigiu ao Conselho Superior de Instrução.”<sup>25</sup>

O “Prefácio” de Carolina Michaëlis ao volume de *Autobiografia e Cartas* refere-se depois ao *Manual Político do Cidadão Português*, desde logo proclamado, diz ela, “o livro mais útil de toda a literatura moderna de Portugal”, porém mal recebido pelo Poder, que crismou o autor de “inimigo das Instituições”, em virtude “do seu espírito francamente democrático e pela exposição arrojada dos erros da política portuguesa”<sup>26</sup>. Segue-se o relato sucinto, mas traindo uma entristecida indignação, dos eventos que precederam de perto o suicídio de Trindade Coelho: a sua demissão voluntária da função que exercia, a segunda edição, actualizada, do *Manual Político*, lançada “todavia” em Fevereiro de 1908, a recusa da aceitação da “promoção para juiz” oferecida pelo Governo, “fingindo querer galardoá-lo”, recusa assente na transferência que o novo lugar exigiria de Lisboa para qualquer “lugarejo da província”, quando era desejo do escritor “continuar na sua propaganda

<sup>24</sup> Luísa Ey ensinava português nessas escolas.

<sup>25</sup> “Prefácio” a *Auto-biographia e Cartas*, p. XXIII.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. XXIII.

de educador, e pessoalmente guiar o filho único (...) na sua carreira de advogado”.  
Comenta Carolina Michaëlis:

“Também de balde. Não se importaram com esses desejos, justificados pelo seu valor excepcional, e pelos acontecimentos também excepcionais daquela primavera tristemente memorável<sup>27</sup>. Banindo-o, castigando a sua insubmissão, quando *as labaredas do desespero já lhe lambiam as paredes do crânio*<sup>28</sup>, anularam as suas últimas forças de resistência e armaram-lhe as mãos. Desgraçadamente!”

As considerações terminais do “Prefácio” da romanista (datado, relembro, de Dezembro de 1909, quando pouco mais de um ano havia decorrido sobre a morte de Trindade Coelho) são muito esclarecedoras da forte constituição moral de Carolina Michaëlis e do apreço altíssimo que ela lhe ditou pelo perfil humano do escritor. Vê-se que ao vigor da sua personalidade custava um pouco a admitir a perturbação psíquica, desvairadora e insustentável, que o conduziu ao suicídio: “Haverá quem não lhe perdoe tal acto de fraqueza, apesar do muito que amou? A maioria opina que resgatou o erro, se erro houve, e que a pena foi maior que a culpa” – escreve a romanista, para logo em seguida confessar que não se consolaria “da imprevidência e frouxidão dos amigos que não souberam revigorar o seu espírito de oposição, lembrando-lhe a necessidade de persistir, de porfiar”, nem “de que nos últimos dias da vida não lhe comunicassem a exaltação precisa para *De profundis* completar a sua *Autobiografia*, depondo em face da Eternidade, sobre as circunstâncias, externas e internas, que lhe sugeriram a resolução fatal”. Esta última afirmação atrai a comparação de Trindade Coelho com outro vulto da cultura portuguesa, também suicida, que, pela nobreza da estatura moral e pela incompreensão colhida dos coevos, tinha suscitado igualmente o apreço da lusófila – o judeu portuense Uriel da Costa, que explanara, esse, as razões do seu desespero no *Exemplar Humanae Vitae* :

“Embora Uriel da Costa maculasse a nobreza nativa da sua alta personalidade, retratando-se e submetendo-se à maior e mais pungente das expiações, enquanto o carácter de Trindade Coelho ficou impoluto, há entre os dois mais de um ponto de afinidade. Independentes e insubmissos; de raro desinteresse material; livres no seu pensar, mas governados por um coração afectuosíssimo e extremamente sensível; acoimados, pelos adversários, de actos e sentimentos que não condizem com a sua bondade; iludidos na confiança que depositavam na brandura paternal dos seus Juizes, ambos sucumbiram ao desespero e à descrença. Vencidos da Vida.”<sup>29</sup>

<sup>27</sup>Carolina Michaëlis refere-se obviamente ao regicídio, ocorrido em 1 de Fevereiro de 1908.

<sup>28</sup>Carolina Michaëlis cita palavras de Uriel da Costa no *Exemplar Humanae Vitae*, impresso pela primeira vez em 1687.

<sup>29</sup>“Prefácio” a *Auto-biographia e Cartas*, p. XXIV. A Carolina Michaëlis se deve o estudo *Uriel da Costa: Notas relativas à sua Vida e às suas Obras*, sep. de *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. VIII, 1921.

E o “Prefácio” termina de um modo bem revelador do espírito de “Santa Carolina”, irmanado com o de Trindade Coelho no amor do trabalho simples e afanoso, útil à construção *global* de uma vida melhor para todos. Escreve a filóloga, que iria em breve ser chamada à docência na Faculdade de Letras coimbrã:

“Honremos a memória de Trindade Coelho. Continuemos a sua obra, educando o povo carinhosamente, e fortalecendo o seu civismo. Se todos colaborassem; se pelo menos nas férias grandes, nos três meses de folga veranil, em todas as praias, todas as caldas, todas as quintas particulares, cada dona de casa cuidasse da nova geração, relacionada, de perto ou de longe, com o seu lar, ensinando à pequenada os rudimentos da limpeza, da higiene e da economia doméstica; se pelo seu lado os homens lhes dessem algumas noções de ciências e artes, e de civismo; se todos os poetas e prosadores escrevessem para o povo, - sempre se haviam de experimentar melhoras, ao cabo de alguns lustros.”

Queria uma “comissão de amigos” homenagear Trindade Coelho colocando um baixo-relevo no seu túmulo? A proposta de Carolina Michaëlis é a de que ele representasse “um Semeador a espalhar as sementes do bem, um pouco ao acaso, como o do Evangelho; o pé firme no chão de bênção desta praia ocidental, o olhar erguido ao céu, onde o sol desponta entre nuvens”; e que tivesse como legenda uma boa tradução de um verso de Voltaire – “do patriarca de Ferney, reabilitador de Calas; salvador dos esposos Sirven; inimigo intransigente de todas as mentiras, crueldades e reacções; defensor acérrimo da liberdade e da dignidade humana” –, um verso que lhe não saíra da memória, diz, enquanto estivera a traçar as páginas de evocação do escritor: *J’ai fait un peu de bien; c’est mon meilleur ouvrage*. “Creio”, afirma conclusivamente a romanista, “que na sua sobriedade e singeleza serve bem para o leal servidor dos interesses mais vitais e sagrados da pátria, que sem jactância costumava dizer, quando o enalteciam: “*Não fui um inútil*” e cunhou o aforismo: *A vida é apenas um pretexto para boa obras*”<sup>30</sup>.

E devia sê-lo, Trindade Coelho e “Santa Carolina”.

Ofélia Paiva Monteiro  
(Universidade de Coimbra)

---

<sup>30</sup> Ibid., pp. XXIV-XXV.